

Idílio é umas das inúmeras chaves de leitura da vasta obra de Clarice Gonçalves. Há mais de duas décadas, a artista desenvolve uma consistente e insubmissa produção pictórica, contrariando os fluxos do sistema artístico e universitário brasilienses que, reiteradamente, determinam o que deve ser visto e o que deve ser consagrado como boa arte. Aversa aos circuitos de prestígio, Clarice executa suas indóceis pinturas nas quais se materializam mundos oníricos habitados por mulheres, mães, crianças, criaturas híbridas e enigmáticas. A convivência entre essas personagens nem sempre é pacífica. Por vezes, revela-se dúbia, sobretudo, quando exhibe figuras agônicas em recintos privados, cujos espaçamentos podem ser interpretados como uma metáfora da retenção do desejo íntimo feminino.

A propósito, o corpo consumado por Clarice está em consonância com o legado de uma geração de artistas e pensadoras, cujas obras provocaram uma inversão fundamental do ponto de vista representacional. Sabe-se que o corpo feminino, historicamente atrelado ao olhar masculino, emancipou-se ao originar novos saberes e outras formas de representação. Essa conversão de autoria do olhar garantiu a autodescoberta de um olhar interno, que passou a realizar inúmeras experimentações com e sobre o corpo. Esse campo do qual a artista parte tem contribuído para a sedimentação de um debate artístico e conceitual sobre a importância das mulheres no sistema das artes. Inclusive, a artista o faz antes mesmo de a pauta feminista estar na ordem do dia na agenda acadêmica e institucional, antecipando a centralidade dessa discussão desde o seu ateliê, localizado na região de Taguatinga.

O conjunto exposto igualmente recorre a uma mirada ecológica radical, ao representar uma comunhão orgânica entre figuras femininas e a natureza. Os antigos espaços de clausura cedem lugar a amplas paisagens terrosas, onde os corpos se integram harmonicamente com o ecossistema, por meio de pinceladas aguadas. Nesses mundos possíveis, convivem a cultura e a natureza em uma fusão permanente em prol da dimensão telúrica da vida. As figuras antropomórficas presentes em Idílio reativam os saberes oriundos do ecofeminismo, corrente que correlaciona a degradação ecológica ao complexo sistema de opressões que recai sobre o gênero feminino: ambas são consideradas fontes de recursos inesgotáveis para a acumulação de capital. A tradução imagética feita pela artista estabelece uma ponte entre a ecologia e o feminismo, subvertendo o imaginário domesticado que se tem sobre as mulheres, as transformando em criaturas metamorfoseadas como um contraponto à mercantilização do meio ambiente

e do corpo feminino.

Uma interpretação apressada da obra da artista pode filia-la rapidamente às tradições figurativas ligadas a movimentos como o surrealismo ou, até mesmo, o expressionismo que, certamente, tangenciam o seu trabalho, mas não persistem nele. Decerto, as silhuetas de Ana Mendieta são o horizonte de reflexão de Clarice, ao evocar o poder disruptivo dos contornos naturais da cubana e conectá-los às práticas ecofeministas. Nessa perspectiva, também é apropriado ampliar o seu legado artístico advindo das Américas, passando pela arte popular e os saberes não eruditos por vezes transmitidos pela cultura oral. Cabe lembrar que a vocação comunitária inseparável da arte popular foi frequentemente rebaixada pela cultura erudita, justamente pela função extra-estética que o artesanato presumia, deixando contaminar a pureza autorreferencial dos preceitos modernos com os resíduos da vida ordinária.

Sob esse ângulo, as opções de Clarice Gonçalves estão mais próximas do saber artesanal do que dos princípios estéticos das academias de belas artes. Basta observar o diálogo fecundo que a artista estabelece em sua prática cotidiana, articulando uma *práxis* inventiva entre o ateliê, a cozinha, a horta e o âmbito da maternidade solo. Essa capacidade integral visível em suas obras pictóricas e nas demais linguagens que se debruça, como a fotografia, a performance, a cerâmica e o bordado, permanece presente em Idílio.

Luiza Mader Paladino